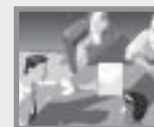


# NAS BANCAS



## Tese avalia impactos do ecoturismo no Ribeira

RAQUEL DO CARMO SANTOS

kel@unicamp.br

As atividades voltadas para o ecoturismo no Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, têm sido defendidas por muitos como uma fórmula capaz de proporcionar crescimento econômico e de manter preservada a diversidade local. Para o ecólogo Jaime Nogueira Mendes Júnior, no entanto, há questões a serem consideradas neste contexto.

Em estudo desenvolvido para fundamentar sua tese de doutorado, defendida no Instituto de Geociências (IG), Mendes Júnior critica a forma como a agenda de ecoturismo está sendo encaminhada no Vale. "A região possui uma diversidade cultural incrível. Temos os quilombos, as comunidades caipiras, os caiçaras e os indígenas, além da biodiversidade da Mata Atlântica. Neste sentido, é importante estar atento ao processo de 'pasteurização' das comunidades locais em razão de um ecoturismo essencialmente mercadológico, e aos prejuízos culturais e ambientais que essas atividades poderão causar na região", argumenta.

O ecólogo, que foi orientado pelo professor Marcos César Ferreira, lembra que outras iniciativas no passado trouxeram um custo social e ambiental elevado por meio de estratégias de dominação. Os ciclos do arroz e do ouro, por exemplo, beneficiaram determinados segmentos e causaram grande prejuízo sócio-ambiental.

Mendes Júnior acredita que, da forma como o ecoturismo está sendo proposto, o Vale corre o risco de reproduzir as mesmas relações de produção dos ciclos econômicos do passado. "Seus principais elementos pode ser descaracterizados". As referências adotadas pela agenda de ecoturismo sobre a qualidade dos serviços de acomodação, diz o pesquisador, são um caso

*Morador atravessa ponte que liga comunidades rurais no Vale do Ribeira: pesquisador acredita que modelo ideal de ecoturismo deve levar em conta a cultura local*

*O ecólogo Jaime Nogueira Mendes Júnior: "pasteurização" das comunidades*

Foto: Antoninho Perri



típico. A adoção como modelo, por exemplo, de uma publicação – guia turístico –, cujo sistema de pontuação valoriza estabelecimentos com sauna, garagem e toboáguas, impõe novos valores às comunidades locais, ao passo que sinaliza para um processo de expropriação dos meios de produção. "Tudo isso introduz elementos estranhos ao universo cultural das comunidades. Eles são incoerentes com a definição oficial de ecoturismo", exemplifica.

Outra referência seriam as inici-

ativas para manter os jovens na região com o objetivo de evitar as altas taxas de migração. Uma dessas iniciativas, um curso para monitores ambientais, traz justamente o conhecimento científico produzido a partir de uma lógica urbano-industrial para os jovens das comunidades locais que, por sua vez, relegam ao esquecimento o conhecimento tradicional e a própria identidade cultural. "O respeito à cultura local fica no discurso. Na prática, os órgãos envolvidos com a implementação do ecoturismo no Vale desenvolvem programas que colocam em risco o patrimônio cultural e ambiental na região", observa.

Para Mendes Júnior, um modelo

eficiente de ecoturismo deve respeitar a cultura da região com as suas especificidades e não obrigar as comunidades se adaptarem a uma lógica estranha ao lugar turístico. Os esquemas de certificação do ecoturismo para aquisição de selos de qualidade, segundo o ecólogo, são exemplos de medidas com resultados contraditórios. "Os custos das auditorias num sistema de certificação são sempre muito altos. Isso acaba operando como uma barreira para o pequeno produtor ou empresário", alerta.

O pesquisador passou anos colhendo depoimentos da população do Vale do Ribeira, e analisando os documentos oficiais sobre o eco-

turismo na região. "Procurei me introduzir na vida cotidiana da população. Fiz questão de não ser apenas um pesquisador, mas, essencialmente, um turista observador", destaca.

Antes de sua aproximação com o Vale, o ecólogo tinha uma idéia completamente equivocada do lugar. Ele imaginava, pelos relatos que recebia, que se tratava simplesmente de uma região miserável, cuja produção se limitava apenas ao chá e à banana. O que observou, no entanto, foi uma diversidade enorme. "O Vale é um lugar que, além de sua beleza peculiar, apresenta uma alta complexidade", finaliza.

Foto: André Kassab



## Estudo projeta potencial de países na produção de etanol

O Brasil é o país com maior potencial de exportação de etanol para países da Europa, para o Japão e para os EUA, principais interessados em importar o produto. Na Índia, caso o país tivesse interesse na produção, a quantidade estimada num curto espaço de tempo seria de aproximadamente oito bilhões de litros por ano, pouco menos da metade da produção brasileira, projetada em mais de 17 bilhões de litros. Os cálculos foram feitos pelo engenheiro Juan Arturo Castañeda Ayarza para medir o impacto do aumento da produção de etanol no âmbito mundial.

Pelo estudo, o engenheiro chegou a seis países com condições de produzir etanol combustível, à semelhança do modelo de industrialização do produto adotado no Brasil, com ligeiras vantagens financeiras. Ayarza acredita, no entanto, que incentivos fiscais para estimular a produção trariam benefícios ainda maiores para os investimentos em longo prazo. "Trata-

se de uma opção estratégica, pois teriam que ser analisadas outras variáveis econômicas e ambientais. Mas, de antemão, já se poderia prever um potencial interessante do ponto de vista produtivo, que permitiria diversificar as economias açucareiras tradicionais destes países", explica Ayarza.

Segundo os resultados da dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM) e orientada pelo professor Luís Augusto Barbosa Cortez, Índia, Tailândia, México, Austrália, Colômbia e Guatemala seriam os países com maior potencial para incrementar a produção do etanol, orientados essencialmente para consumo em seus territórios em curto prazo. O principal investimento, nestes casos, seria a diminuição em até 30% da produção total de açúcar, como consequência do redirecionamento dos meios intermediários para a industrialização do etanol.

A soma da produção pode vari-



O engenheiro Juan Arturo Castañeda Ayarza: economias poderiam se diversificar

ar de acordo com os graus de eficiência de cada país, mas na Austrália, México e Tailândia, a marca seria superior a um bilhão de litros. Só na Guatemala e Colômbia, a produção ficaria abaixo desta marca, com 500 milhões e 600 milhões de litros, respectivamente. "Mesmo assim seriam quantidades a serem consideradas para o consumo próprio e até para a exportação, dependendo das condições. Com a adoção do modelo brasileiro de industrialização, em longo prazo, a marca poderia crescer, ser ainda maior e ter como consequência a substituição de uma parte importante da gasolina", esclarece o engenheiro.

O estudo, explica Ayarza, serve de parâmetro para entender o contexto mundial para a produção do combustível. Segundo ele, a produção e o consumo do etanol por vários países seriam interessantes para o Brasil. "Isso garantiria ambiente propício para valorizar o esforço brasileiro para incrementar a industrialização. "Outra vantagem seria garantir títulos de commodities. Neste caso, quanto maior o número de países que produzem e comercializam o produto, melhor", esclarece. (R.C.S.)

Foto: Antoninho Perri